



O Sebastianismo em *O Encoberto*, de Natália Correia

The Sebastianism in *O Encoberto*, by Natália Correia

Luiza Oliveira Troczinski¹

Edson Santos Silva²

Resumo: Neste trabalho, propomos uma breve discussão acerca da abordagem do Sebastianismo feita por Natália Correia em *O Encoberto* (2014). A peça apresenta um recorte bastante particular do mito de *O Encoberto* bem como lança mão do recurso de usar personagens históricas de forma ficcionalizada na composição do texto, criando, desta forma, uma obra que, embora ficcional, dialoga com a realidade vivida pela autora e seu primeiro público leitor.

Palavras-Chave: Sebastianismo, *O Encoberto*, Dramaturgia.

Abstract: This work proposes a brief discussion on how Natalia Correia approaches Sebastianism in *O Encoberto* (2014). The play presents a very peculiar overview of the *O Encoberto* myth, resorting to the fictionalized use of historical characters to compose the text, thus creating a work which, while fictional, dialogs with the author's reality and her first reading public.

Keywords: Sebastianism, *O Encoberto*, Dramaturgy.

Embora a obra *O Encoberto* (2014) não aborde o Sebastianismo, tal como era conhecido em Portugal quando da primeira publicação da peça, entende-se que sua recepção se dará de forma mais eficaz, caso se conheça minimamente esse marco tão significativo da história portuguesa. Faz-se sempre necessário levar em consideração a premissa de que o texto é primeiramente dirigido aos portugueses, sobretudo, aos portugueses da década de 1960, período dramático da ditadura salazarista, contemporâneos da autora e para os quais o texto foi escrito.

É possível compreender o texto sem percorrer o universo político-ideológico que originou e perpetuou o culto a Dom Sebastião, seja no século XVI ou no século XX. Pode-se entender sem dificuldades quem são as personagens e como cada uma interage com as outras, de forma a construir os diálogos que permitem a evolução da fábula. A marcação de tempo e espaço, mesmo que mínima, também é identificável e entendível. Assim, o texto teatral de *O Encoberto* pode ser lido em si mesmo, sem referências externas. Porém, o texto se completa com elementos extratextuais que podem ser resgatados pelo leitor a partir de seu conhecimento histórico e fora do texto, para que seja possível perceber os mecanismos de controle aos quais Natália Correia recorre para conduzir a questão discursiva em sua obra.

Os cenários e nomes das personagens não são aleatórios, bem como as ações que cada personagem desempenha na peça são atravessadas pela historicidade do indivíduo real que foi ficcionalizado na obra, como se constatará, a seguir, na indicação

¹ Mestra pelo curso de Pós-graduação em Letras – Unicentro/G 2021; o presente texto faz parte da dissertação de mestrado intitulado “Infrações e inovações em *O Encoberto*, de Natália Correia”.

² Professor Associado de Literatura Portuguesa na UNICENTRO/I.

cênica que insere a personagem Cristóvão de Moura, espião de Filipe II, na corte de Portugal. Esse fato é histórico e documentado, e o leitor, caso conheça a história, passará a observar a personagem com um olhar mais atento quanto à fidelidade de Cristóvão de Moura ao povo português. Leia-se a indicação cênica “Filipe II troca correspondência com o Vice-rei de Portugal, Cristóvão de Moura que, perante a notícia de que D. Sebastião está vivo, conhece as aflições do poder que permeia a traição”. [...] (CORREIA, 2014, p.35).

E ainda a primeira fala da personagem na trama, confirmando o que a história registra acerca de sua aliança com o inimigo:

CRISTÓVÃO DE MOURA

Senhor! Sobre o reparo que me fazeis na vossa última carta, é certo que tudo fiz para vos facilitar a anexação de Portugal. Mas não traí o meu país. Pertencço àquele número de portugueses lúcidos que entendem ser mais vantajoso participar da grandeza de Espanha do que roer o luxo de uma mesquinha nacionalidade. (CORREIA, 2014, p. 36).

É possível fazer a leitura de ingênua³ da obra, mas o ideal objetivado tanto pela autora quanto pelo leitor habitual das obras natalianas é ir além dessa leitura descompromissada e leve; deve-se ler o que está posto no texto junto do peso que cada nome de personagem carrega, seja remetendo a um personagem histórico salutar à história portuguesa, ou aos indivíduos sem nome que constituem o povo sem rosto que compõe grande parte da nação portuguesa. Há ainda o fato de a ação se passar fora de Portugal, elemento revelador da expansão da crença sebastianista para além dos limites do país.

Enfim, o texto *O Encoberto* não trata a respeito de Dom Sebastião, mas de um messias que pode resgatar o povo e levar o reino novamente à liberdade e glória, não mais no governo Filipino, mas no momento do governo salazarista. O messianismo passa pelos séculos carregando uma mensagem de alento e por isso mesmo reforçado tanto por pessoas que ocupavam cargos importantes frente ao povo, quanto pelo próprio povo desejoso de salvação.

O alcance do movimento sebastianista nas diferentes camadas da população pode ser identificado já pela lista de personagens do texto: com a presença de fidalgos, como Filipe II, Dom João de Castro e Cristóvão de Moura, marquês, duque, condessa, Frei Diego; seguindo para camadas populares nomeadas com a profissão de cada personagem, como capitão, juiz, arauto, catadeiras de piolhos, banqueiros, carrasco e tantos outros.

A relação entre a peça e o sebastianismo inicia-se já pelo título da obra. Salienta-se que o texto é publicado com o título de *O Encoberto* na capa do livro, mas, sendo a peça um metateatro, logo no início da leitura, é apresentado como entremês e com o título de *As Desventuras do Rei Encoberto Que Para Penar Seus Pecados Palmeia o Mundo*

³ Nomenclatura usada por Tzvetan Todorov na obra *Estruturas narrativas* (2013) para referir-se ao leitor cuja leitura é menos reflexiva, mais superficial e linear, ou seja, uma leitura por si mesma, sem referências externas.

Sujeito Às Agruras Do Mesmo A Fim De Ser Perdoado Pelo Senhor E Regressar Ao Seu Reino (CORREIA, 2014, p.13).

Segundo Pavis (2015, p.129), o entremês é “uma peça curta cômica, no decorrer de uma festa ou entre os atos de uma tragédia ou de uma comédia na qual se apresentavam personagens do povo”. Essa definição vai de encontro ao próprio texto, propositalmente, já que *O Encoberto* não é um evento festivo, nem se apresenta como uma comédia ou tragédia. Acrescente-se a essa indefinição de termos um trecho da indicação cênica de abertura do texto, que marca especificamente a comédia no metatexto: “[...] Por cima do palco lê-se numa tabuleta: O purgatório dos comediantes [...]” (CORREIA, 2014, p. 11).

A definição de entremês não se aplica ao texto teatral neste caso; e sendo a autora a dramaturga experiente que era, pode-se considerar a contradição em relação à definição do termo como um signo e não um erro de verossimilhança. Esse elemento corrobora a própria técnica de escrita escolhida por Natália Correia na composição do texto, usando recortes de diferentes movimentos artísticos e elementos da comédia, tragédia e do próprio entremês na construção de um novo texto que não é apenas um tipo, mas a mistura do que lhe convinha à escrita deste texto em específico.

Segundo extensa pesquisa conduzida por Hermann, na obra *No reino do desejado* (1998), com o desaparecimento de Dom Sebastião, no Marrocos, surgiram relatos de atendimento médico a um misterioso participante da batalha, cujo rosto e nome nunca foram revelados (o rosto se manteve encoberto), aumentando a especulação de que o rei ferido havia sido atendido e não estaria morto, mas vagando pelo mundo, a fim de cumprir expiação pelos pecados do reino, para só então poder voltar e requisitar seu lugar no trono novamente. Agrava a estes pormenores o fato de que o cadáver real nunca foi encontrado, e, embora haja pessoas que tenham garantido ter visto o corpo de Dom Sebastião morto, o fato nunca foi confirmado satisfatoriamente. Registros como esses explicam e reforçam a ligação entre o epíteto o Encoberto com o nome atribuído à peça, e ainda com o nome da peça dentro da peça. Assim, o título do entremês é o resumo do epíteto da capa.

Apesar da importância histórica, a definição/conceituação do sebastianismo não é fácil nem uniforme ao longo do tempo, bem como as implicações políticas e ideológicas pós batalha de Alcácer-Quibir (1578) são múltiplas e diluídas entre as diferentes camadas da população.

Dom Sebastião nasceu a 20 de janeiro de 1554, dias depois do falecimento de seu pai, o príncipe Dom João, herdeiro de Dom João III. O tão esperado príncipe era filho de Dona Joana (irmã de Filipe II), e seu nascimento reforçava a esperança da manter a independência de Portugal frente ao iminente domínio espanhol. Com tantas expectativas, recebeu o epíteto de “O Desejado”.

Dom Sebastião foi preparado para assumir o reino desde pequeno, ficando sua educação marcada pela influência da avó paterna, Dona Catarina de Áustria, que o colocou sob a tutela de dois padres jesuítas. À religiosidade exacerbada do rei é atribuído seu desinteresse pelas mulheres, não estando ele preocupado com casamento ou em deixar herdeiros, deslocando seu empenho e atenção para as questões bélicas e a paixão pela caça.

Há registros de que Filipe II intencionava casar sua filha com o herdeiro português, mas o monarca espanhol protelou os trâmites do casamento e deixou-os em aberto, aguardando a batalha com os mouros estar acabada e vencida para entregar sua filha em casamento a um homem que poderia não ter a capacidade de gerar herdeiros. Caso o rei português morresse na batalha ou não gerasse herdeiros, ambas as situações eram propícias à intenção de anexar Portugal ao domínio espanhol.

Quanto às questões religiosas da formação de Dom Sebastião, em parte são retomadas na obra *O Encoberto*, na personagem Bonami-Rei, envolvido com uma prostituta, portanto, muito próximo das coisas mundanas. Esta prostituta, a princípio chamada Floriana, inicia a trama fazendo a apresentação do ator e da comédia que vão apresentar, mas com a mudança da personagem Bonami para Bonami-Rei, também muda e passa a ser chamada Ju-Ju, incorporando o papel de prostituta durante o desenvolvimento da trama. Percebem-se traços ideológicos da Maria Madalena apresentada na Bíblia, voltando a questão da religiosidade e as implicações do Cristianismo na história do rei encoberto como um todo, resgatando a pureza do rei frente ao envolvimento carnal com o gênero feminino. Há que se acrescentar, ainda, similaridade na construção da personagem Bonami-Rei com a figura do messias Jesus Cristo, presente em várias cenas do terceiro ato.

Sabendo que D. Sebastião desperta afeto por parte de alguns⁴ e desprezo por partes de outros, Hermann resume o papel atribuído a Dom Sebastião da seguinte forma:

Esperado décadas antes de nascer, como bem demonstraram as Trovas de Bandarra, o sucessor de d. João III tornar-se-ia o Desejado rei português, antes de encarnar a triste e misteriosa saga do Encoberto. Herdeiro de um trono que vivia a angústia de uma quase inevitável união com Castela, seria o depositário de todas as esperanças de retomada do ímpeto desbravador e guerreiro que caracterizava a história do povo português, desde pelo menos o início do século XV. (HERMANN, 1998, p. 73).

Embora muito se esperasse do Desejado, para alguns, o salvador entra para a história de forma nada prestigiosa, “como um rei fraco, ora manipulável, ora autoritário, despreparado para as tarefas de um reino que já fora tão poderoso e principal responsável pela obsessiva e descabida jornada ao Norte da África.” E para outros, como incompreendido:

Nas versões que o absolvem são realçados seus dotes religiosos e grandiosa empreitada levada a termo contra o infiel, que, se foi desastrosa materialmente, significou o começo necessário da purgação dos pecados do reino. (HERMANN, 1998, p. 76).

⁴ É importante citar Bandarra e Antônio Vieira como grandes defensores do movimento sebastianista. O primeiro, sapateiro Gonçalo Annes, publica suas *Trovas* (escritas provavelmente entre 1520-1540), nas quais introduz a ideia de messianismo com fortes marcas do judaísmo, fato que lhe renderá problemas com a Inquisição; e o segundo, padre jesuíta que usa da crença no salvador para estabelecer fundo de resistência política em seus sermões, o que lhe rende, também, perseguição pela Inquisição.

Assim, o sonho de sucesso dos portugueses imbuídos na pessoa do rei não segue adiante. Durante a batalha de Alcácer-Quibir, no Marrocos, em 1578, o rei Dom Sebastião desaparece em combate e deixa o reino sem governante. Não só a guerra contra os mouros está perdida, mas também a garantia de soberania do reino. O sonho português de retomar a antiga glória conquistada com as Grandes Navegações sofre um duro golpe.

A notícia da morte de Dom Sebastião chega a Portugal em 24 de agosto, em carta de Belchior do Amaral, que garantia ter participado do enterro do rei, na cidade de Fez. A comoção do reino é grande e todos os bastidores políticos se movimentam para saber quem ocuparia o trono em tão delicado momento. Quem assume a função de regente é o tio de Dom Sebastião, o cardeal Dom Henrique, já em idade avançada e com poucas possibilidades de conseguir a revogação de seus votos eclesiásticos para se casar e gerar um herdeiro.

Filipe II envia, a pretexto de auxílio, mas com claras intenções de saber o que se passa na corte e requisitar seu direito ao reino, o nobre português Cristóvão de Moura como seu espião particular, o qual trabalhará nos bastidores para que o Cardeal Dom Henrique não tenha sucesso em seu governo, facilitando a tomada de poder por parte de Filipe II. Hermann (1998, p. 171) comenta os métodos usados para impor a vontade de Espanha sobre Portugal, usando, além de intrigas, a promessa de “compensações e favores”, fato que será retomado em uma das falas da personagem Cristóvão de Moura, quando este se depara com a chegada de Bonami-Rei às portas do reino, e a nobreza lhe cobra uma solução para o problema, mostrando que estava inclinado a tomar partido do pretense Dom Sebastião.

CRISTÓVÃO DE MOURA

Cobardes! Já se esgotou o ouro com que Felipe vos encheu as albardas? (CORREIA, 2014, p. 78).

CONDESSA

Era dinheiro do diabo. (CORREIA, 2014, p. 79).

DUQUE

Nunca é tarde demais para se reconhecer a verdade. (CORREIA, 2014, p. 79).

Muito do que foi produzido acerca da vida curta e controversa de Dom Sebastião fica entre estes dois extremos: alguns acreditavam que o destino não foi generoso para com o rei, resultando sua morte em uma guerra com poucas chances de sucesso e, mesmo antes da empreitada contra os mouros, duvidavam de sua capacidade política de levar o reino novamente à antiga glória. Outros acreditavam ser possível ao rei atender aos desejos fervorosos de seus súditos, tanto que o povo acolhe muito bem a proposta do rei de ir à África em busca de retomar seus territórios perdidos, e posteriormente sofre com a perda do governante.

As posições pró e contra Dom Sebastião também serão vistas na obra *O Encoberto*, na medida em que alguns o defendem e esperam ardentemente que Bonami seja o rei, como é o caso de Dom João de Castro; outros tentam intensamente desmascará-lo, como é o caso de Cristóvão de Moura.

Seguem exemplos da defesa e do repúdio à figura do Desejado no texto *O Encoberto*, baseados nas ações de Cristóvão de Moura e Dom João de Castro.

D. JOÃO DE CASTRO

Quem é que fala em duvidar? Deixo as dúvidas aos medíocres. A minha alma é grande. É a alma de um povo que quer sobreviver. Soou a hora de fazer um pacto com os profetas. Contra estes, o suplício, a fogueira, o gotejar doce do veneno da corrupção, nada podem. Desejar absurdamente o impossível, eis a escolha que resta aos portugueses. (CORREIA, 2014, p.15).

D. JOÃO DE CASTRO

[...] Sou D. João de Castro, desterrado de minha pátria por me opor ao invasor castelhano e anuncio-vos o prodígio vaticinado pelas profecias, segundo as quais o nosso Rei Encoberto sairá da bruma aqui em Veneza. (CORREIA, 2014, p.22).

Historicamente, pode-se afirmar que o criador do sebastianismo é Dom João de Castro, que, na tentativa de redimir a imagem do rei, e por motivos pessoais e políticos, publica, em 1602, o *Discurso da Vida do Rey Dom Sebastiam*, seguido pelo padre Amador Rebello, com a publicação, em 1613, da *Relação da Vida d'el Rey D. Sebastião*. A primeira obra é resultado da crença do autor de que Dom Antônio (primo de Dom Sebastião) deveria ocupar o trono vago com o desaparecimento do Desejado, e manter Portugal independente. Já autor do segundo texto desejava limpar a imagem dos jesuítas, que ficaram incumbidos da educação de Dom Sebastião, sendo a eles atribuídos maus conselhos que o rei pôs em prática.

A crença sebastianista começa a ganhar forma quando do surgimento da primeira edição das *Trovas*, atribuídas a Bandarra e publicadas também em 1602, por Dom João de Castro, em Paris. Nesse texto, com aspectos do messianismo judaico, percebe-se o desejo dos portugueses de retomar sua antiga glória e poder frente aos outros reinos da Europa. As *Trovas* não têm data exata de escrita, ficando sua produção entre os anos de 1520 e 1540; no entanto, para muitos, o texto será considerado uma profecia, atribuindo-se ao Desejado. É a Bandarra que Dom João de Castro se refere quando fala das profecias no texto *O Encoberto*, realimentando o mito que já circulava em meio ao povo há algumas décadas.

VOZES DO POVO

(cantando no escuro trova de um profeta)

Vejo vir o Encoberto

que há de expulsar os tiranos.

Portugal será floresta de forcas de castelhanos. (CORREIA, 2014, p. 38).

2º HOMEM

Um sapateiro disse que ele viria quando as oliveiras dessem azeitonas brancas. (CORREIA, 2014, p. 39).

Com a crescente divulgação dos textos e as dificuldades pelas quais passava o povo português, surge um espaço profícuo para a disseminação da crença de que Dom Sebastião não estava morto, mas que havia sobrevivido à batalha, andava pelo mundo a

purgar pecados e que voltaria para requisitar seu trono. A partir dessa esperança, surgem quatro farsantes passando-se pelo rei Encoberto, dos quais o último falsário será o escolhido por Natália Correia para compor seu personagem Bonami na obra analisada.

O primeiro deles surgiu em 1584. Ficou conhecido como o Rei de Penamacor, e seu reinado durou apenas alguns meses. Contam os registros consultados por Hermann (1998, p. 251) que o impostor não se assemelhava em aparência a Dom Sebastião, mas o fato de ser um eremita pesou para que fosse aceito por populares. Após sua prisão, foi torturado e condenado às galés e o caso deu-se por encerrado.

Em 1585, surge um novo pretense Dom Sebastião, na Vila de Ericeira, ficando conhecido como o “Falso de Ericeira”. Deste conhece-se o nome de Mateus Álvares, que contou com o apoio de adeptos mais importantes do que seu antecessor, fundando inclusive uma corte na qual executava rituais como coroações e expedia decretos reais. Seu reinado foi considerado uma revolta e sufocado com certa violência. Foi preso, julgado, condenado à força e esquartejado.

Dez anos depois, apresenta-se como Dom Sebastião o “Pasteleiro de Madrigal”. Chamava-se Gabriel de Espinosa e teve em sua representação a presença da sobrinha de Felipe II – Dona Ana de Áustria – e do Frei Miguel dos Santos, atribuído no processo que se seguiu como o idealizador da farsa. O fato de ter apoiadores importantes não livrou o pasteleiro da força e do esquartejamento.

O quarto falsário, do qual a obra *O Encoberto* retira seu protagonista, surge na Itália e nem mesmo falava português. Após processo de investigação espanhola, o genovês foi condenado a sair da cidade, mas acabou sentenciado às galés e, após último julgamento na Espanha, foi condenado à força e esquartejado.

Observem-se a didascálias que iniciam a peça, marcando o cenário, tal qual sucede o fato, mas ficcionalizando o perfil das personagens envolvidas, enquadrando-as nas mais baixas classes sociais: “Estamos num largo da Corte-Contarina, bairro miserável e mal-afamado da Veneza do século XVI [...] (CORREIA, 2014, p.11).”

Hermann (1998, p. 273) conclui que a encenação da volta do Encoberto foi uma forma de resistência política frente aos problemas da falta de sucessor ao trono que Dom Sebastião deixou; assim, o mito sebastianista seguiu forte e fazendo novos adeptos e outros tantos inimigos ao longo dos últimos quatro séculos. Dentro de nossa área de pesquisa, a literatura, há inúmeras obras que abordam esta temática na constituição de suas personagens e enredos, de forma a revelar a significativa importância que Dom Sebastião e, posteriormente, o mito sebastianista têm na formação ideológica e cultural dos portugueses, até chegar na constituição da base da peça

Entende-se que o movimento sebastianista expande suas influências na literatura até o momento de produção da obra analisada; volta-se a marcar a necessidade de recordar que o texto *O Encoberto* foi escrito tendo os portugueses da tão conturbada época de domínio salazarista como o primeiro público leitor da obra. Tal como para o povo do século XVI, sob o domínio espanhol, havia a necessidade de um salvador para ajudar a enfrentar a situação e buscar alcançar novamente a antiga glória. Em 1969, o desamparo se repete e surge a necessidade de um messias que conduza o povo à vitória. É justamente neste ponto de dificuldade em lidar com a realidade política que a autora Natália Correia faz da literatura, mais necessariamente do teatro, uma forma de

resistência, de levar o público a refletir acerca de sua condição, e assim movê-lo na busca por estratégias que permitam superar a ditadura salazarista.

Em síntese, o que se procurou mostrar é que embora a leitura da peça *O Encoberto* (2014) possa ser efetuada desvinculada da história, sabe-se que os textos sempre carregam marcas dos textos que vieram antes. Embora a peça objeto de análise seja ficcional, não se pode negar a intencionalidade da autora em buscar elementos históricos confirmados e do conhecimento de seu primeiro público na construção de seu discurso. Efetivamente, a leitura não centrada somente no texto agrega importantes elementos para sua compreensão como um texto não apenas para diversão, mas para compartilhar de uma visão de mundo da autora com seus conterrâneos, atravessados ambos pela história pregressa e atual.

Bibliografia

- CORREIA, Natália. *O Encoberto*. 2. ed. Lisboa: Fernando Ribeiro de Mello/ Edições Afrodite, s.d.
- CORREIA, Natália. *O Encoberto*. Alfragide: Galeriana Panorama, 2014.
- HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do Sebastianismo em Portugal (séculos XV e XVII)*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.